

“Eu, você e eles: ou a difícil arte de se dançar a três”: Conversação e caracterização do *self* em uma entrevista¹

Moisés Lopes

1. Introdução

Por um lado, o etnógrafo deve se engajar na vida das pessoas a quem estuda; ele deve entrar em seu mundo determinado intencionalmente – o mundo de sua práxis; e ele deve se permitir de algum modo apenas a reflexão de si necessitada pela práxis particular deles (e sua própria). Por outro lado, o pesquisador de campo deve permanecer fiel à sua intenção primeira: pesquisar. Ele deve estar apto a se remover da vida daqueles a quem estuda; ele deve se manter fora do mundo intencionalmente determinado deles; e ele deve permitir a si mesmo uma reflexão sobre si que é requerida e delimitada por sua própria práxis particular, sua pesquisa.

Tuhami: Portrait of a Moroccan, 1985. Vincent Crapanzano

Desde minha primeira ida a campo² no início da graduação em Ciências Sociais, no ano de 1998, uma questão tem me chamado a atenção fortemente, qual seja: a maneira como se estabelece e se dá a relação entre pesquisador e nativo no momento da pesquisa. Essa questão já foi longamente tratada em diversos estudos antropológicos, no entanto, nesse artigo pretendo abordar esse tema partindo de uma situação específica de pesquisa, uma entrevista individual; baseada em um tema igualmente específico, a conjugalidade entre pessoas do mesmo sexo.

Essa pesquisa que servirá de base para a discussão da questão da relação entre pesquisador e nativo foi desenvolvida no ano de 2005 – com a pesquisa de campo e coleta de dados tendo sido empreendida entre os meses de agosto e setembro desse mesmo ano – no âmbito do Programa de Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva do Instituto de Medicina Social da UERJ, com apoio e

¹ São adotadas neste trabalho as seguintes convenções: Itálico – para conceitos acadêmicos, categorias de análise, expressões e categorias nativas; Aspas duplas – para grifo do autor.

² Essa primeira ida a campo foi realizada no contexto de um estágio efetuado junto a uma organização não-governamental intitulada Associação do Projeto de Educação ao Assalariado Rural Temporário (APEART) que desenvolvia inúmeros projetos com populações específicas na cidade de Londrina e região, dentre esses projetos havia o Projeto de Educação Rural Indígena (PERI) no qual fiz algumas observações em campo como parte do estágio.

financiamento da Fundação Ford e foi intitulada “Conjugalidade na Grande Cuiabá: Significados e práticas da parceria entre homossexuais que vivem uma união.”

Tal pesquisa buscava identificar os significados e as representações que os parceiros do mesmo sexo têm de suas relações estáveis e, principalmente, analisar as influências na consecução de um projeto de parceria por parte de homossexuais masculinos em um dos maiores núcleos urbanos do interior do país, a Grande Cuiabá, que conta com uma população total superior a 800 mil habitantes (segundo o censo de 2000), levando em consideração temas como: impacto da epidemia de HIV/AIDS, expansão de um modelo igualitário de conjugalidade, fidelidade, coabitação, tempo de relação, identidade sexual, possibilidade e/ou aspiração da regulamentação jurídica da união.³

Retomando, o foco desse artigo é questionar a maneira pela qual se estabelece e se dá a relação entre pesquisador e nativo no momento da pesquisa, mais especificamente na entrevista. Assim, pretendo responder principalmente a questão – pelo menos, tomá-la como problema – de como ocorre o processo de caracterização do *self* no momento da entrevista. Desse modo, para além do fato de apresentar uma análise pautada nas questões que motivaram a pesquisa, quais eram: O que faz de um par gay um casal? Fidelidade? Respeito? Coabitação? Projeto de vida em comum? Nas entrevistas realizadas com Rodrigo, João, Murilo, Paulo e outros, todas essas questões foram abordadas de maneira direta ou não, destaque ainda que as respostas que aparecem no contexto da entrevista, com o gravador ligado, foram muitas vezes diferentes daquelas dadas por eles quando a entrevista acabava. Assim, partindo do questionamento da presença do gravador como um terceiro elemento, um *signo*⁴ da sociedade que modifica a

³ Resta ainda dizer da pesquisa que as entrevistas foram desenvolvidas com 10 (dez) homossexuais masculinos, todos adultos, com idades variando entre 20 e 44 anos, oriundos das camadas médias da cidade de Cuiabá, sendo que todos os nomes dos entrevistados são fictícios. No que se refere ao grau de escolaridade entre os entrevistados, ocorreu uma grande variação com a presença desde sujeitos com o Ensino Médio completo até indivíduos com pós-graduação.

⁴ Signo é aqui utilizado no sentido atribuído por Peirce. “Um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen (1977: 46) ... os objetos – pois o signo pode ter vários deles – podem ser, cada um deles, uma coisa singular existente e conhecida ou que se acredita tenha anteriormente existido ou que se espera venha existir, ou um conjunto de tais coisas, ou uma qualidade, relação ou fato conhecidos cujo Objeto singular pode ser um conjunto ou uma totalidade de partes, ou pode ter outro modo de ser, tal como algum ato permitido cujo ser não impede sua negação de ser igualmente permitida, ou algo de uma natureza geral desejado, exigido, ou invariavelmente encontrado em certas circunstâncias gerais (idem: 48) ... um signo pode se denominado ícone, índice ou símbolo.” (ibidem: 52)

*forma*⁵ pela qual a interação se dá, busco neste texto desenvolver uma primeira elaboração teórica.

Não obstante, perguntas como as elaboradas acima, apontaram também para uma relação estabelecida por Marcelo, Marcos, Daniel, André e outros, entre a construção da conjugalidade e a conquista de respeitabilidade pública. Tal construção é desenvolvida pela caracterização de seu *self* (dos entrevistados/interlocutores) como sujeitos respeitáveis pela postura que assumiram publicamente, pois evitam freqüentar o *mundo gay*,⁶ bem como ter demonstrações públicas de afeto, controlando o *segredo*⁷ sobre sua homossexualidade e sobre sua conjugalidade.

Todas essas questões destacadas se referem a recortes das entrevistas, privilegiando alguns elementos que se evidenciam nas narrativas dos entrevistados/interlocutores – que estes consideram importantes para a configuração de uma relação estável de conjugalidade homossexual masculina – não esgotando de maneira alguma a riqueza e complexidade do material levantado por meio de entrevistas e observações – feito que demandaria um trabalho muito mais extenso – uma vez que a pretensão deste artigo é analisar a situação de entrevista como um evento no qual, através de *conversações*, o “eu” do entrevistado/interlocutor é construído de maneira contrastiva⁸ a “outros,” sejam esses o próprio pesquisador ou um outro grupo da sociedade.

⁵ Seguindo Simmel (1983), entendo *forma* como a *mútua determinação e interação dos elementos da associação* (:168). Assim, no contexto da entrevista é de suma importância a problematização dos elementos presentes (o entrevistador, o entrevistado, o gravador, o local da entrevista) que estão presentes nessa interação, pois eles irão influenciar o modo e determinar a *forma* como essa interação irá ocorrer.

⁶ Mundo gay se refere aqui ao conjunto de locais (públicos ou particulares) que se destinam e/ou se tornaram com o passar dos anos, locais consagrados de encontros e interações – sexuais ou não – entre pessoas do mesmo sexo.

⁷ De acordo com Simmel, “o segredo contém uma tensão que se dissolve no momento da revelação. Este momento constitui o apogeu no desenvolvimento do segredo [...]. Também o segredo contém a consciência de que pode ser rompido: de que alguém detém o poder das surpresas, das mudanças de destino, da alegria, da destruição - e até da autodestruição. Por tal razão, o segredo está sempre envolvido na possibilidade e na tentação da traição; e o perigo externo de ser descoberto se entretece com o perigo interno, que é como o fascínio de um abismo, a vertigem de a ele nos entregarmos. O segredo cria barreiras entre os homens, mas ao mesmo tempo traz à baila o desafio tentador de rompê-lo por ‘boataria’ ou por confissão - e esse desafio o acompanha todo o tempo.” (1999: 2)

⁸ Essa discussão me remeteu ao conceito de identidade contrastiva elaborado por Roberto Cardoso de Oliveira (1976). Tal autor, em consonância com Barth (1976) desenvolve uma crítica ao conceito de grupo étnico ampliando a noção de identificação interétnica para melhor compreender o processo de assimilação passando a considerar, portanto, duas dimensões nesse fenômeno: a particularidade cultural do grupo em estudo e a identificação étnica de seus membros. Assim, no interior das relações interétnicas a gramaticalidade das relações de identidade se expressava pelo jogo entre oposições e contrastes. A noção de identidade contrastiva proposta, então, por esse autor procura dar conta desse jogo sobre o qual a identidade étnica se define. Nesse trabalho, não discutirei a noção de identidade, mas me focarei no processo pelo qual a caracterização do *self* do entrevistado é elaborada através de um jogo de oposições e contrastes com “outros” homossexuais e, assim, a constituição de fronteiras simbólicas.

Finalizando, destaco que nesse trabalho enfoco a entrevista como um *ritual*, um *evento comunicativo*, no qual os atores envolvidos e a relação estabelecida entre eles e suas próprias histórias são colocadas em evidência na/pela *conversação*. Assim, na entrevista há uma modificação desses entrevistados/interlocutores.

Eventos mudam os atores envolvidos: não é possível falar de um mesmo conjunto de atores antes e depois dos eventos – todos se transformaram na temporalidade que vai do antes ao depois. Em outras palavras, um evento traz como conseqüência o fato de que os participantes foram alterados por ele (Peirano 2000: 4).

2. Construindo a cena...

Uma declaração, falada na vida real, jamais está desligada da situação em que ela foi proferida. Pois cada declaração verbal, por um ser humano, tem a finalidade e a função de expressar algum pensamento ou sentimento real, nesse momento e nessa situação, e que, por um ou outro motivo, é necessário tornar conhecido de outra pessoa ou pessoas – afim de que sirva ou aos propósitos de ação comum, ou ao estabelecimento de vínculos de comunhão puramente social ou, ainda, para livrar o elocutor de sentimentos ou paixões violentas. Malinowski s.d.:304-5

Era um dia quente de agosto, Cuiabá, como alguns amigos que moravam lá me diziam, só tinha duas estações, a seca e a chuvosa, ambas sempre muito quentes. E eu, como um estrangeiro na cidade, entre suores e louco ao menos por um ventilador, estranhava o calor, afinal acabara de chegar de Londrina no sul do país. Já havia ido a Cuiabá algumas vezes a passeio sempre na estação chuvosa, nunca nesse período, de modo que o calor e a seca nesse momento me sufocavam. Das outras vezes havia ficado na casa de um de meus amigos como um visitante, agora como um novo morador da cidade tinha de aprender a me movimentar, conhecer os lugares de freqüência de homossexuais casados⁹ e solteiros, enfim buscava mapear o “mundo gay” já que isso era um dos objetivos da pesquisa.

⁹ Quando cheguei na cidade para pesquisar tal tema e, antes disso na verdade, uma das questões mais básicas era pesquisar o vocabulário utilizado pelos homens que vivem relações estáveis com homens para se auto-identificar e identificar suas relações, assim seriam eles “casais,” “companheiros” ou “parceiros”? Viveriam situações de “conjugalidade” ou de “parceria”? Estariam eles “casados,” “namorando” ou seriam “solteiros”? Durante a pesquisa a maioria dos entrevistados utilizou para se nomear dos conceitos de *casados* e *companheiros* raramente usavam os conceitos *parceiros*, *parceria* e nunca “conjugalidade.” Os *namorados* seriam uma categoria intermediária que nunca aparecia para nomeá-los, mas que servia para nomear os relacionamentos precedentes que não redundaram em “conjugalidade”. Atuando como um mediador, um intérprete, um tradutor, em meu trabalho de pesquisa como etnógrafo, busquei relativizar,

De imediato contei a meus amigos o motivo da mudança, mesmo que temporária, e pedi a eles que me auxiliassem apresentando homens que viviam uma situação de conjugalidade com outros homens para que eu pudesse desenvolver a pesquisa. Esses disseram poder me ajudar, pois conheciam alguns *casais* de gays, mas que a pesquisa seria mais fácil de ser realizada se eu fosse entrevistar lésbicas já que conheciam vários *casais* de lésbicas.¹⁰ No entanto, no transcorrer da pesquisa tive muito mais acesso a casais de gays do que de lésbicas, não sei se isso se deve ao fato de ter me situado em *social networks* (Guimarães 2004) ou redes de sociabilidades específicas, menos plurais do que elas se apresentavam ou do que os nativos apontavam, ou se pelo fato de ao me situar como um pesquisador de casais gays os casais de lésbicas não haviam se tornado um problema para mim, e para as pessoas que haviam me apresentado os entrevistados/interlocutores, e por isso elas permaneciam “invisíveis.”

Como disse antes, os entrevistados/interlocutores dessa pesquisa sempre me foram apresentados por amigos. Nosso primeiro contato (meu e dos entrevistados/interlocutores) era sempre estabelecido por telefone. Nessa pesquisa utilizei essa estratégia de aproximação com os possíveis entrevistados/interlocutores. Inicialmente, pedia a amigos que conheciam casais gays que comentassem sobre minha pesquisa perguntando lhes sobre a possibilidade de participação deles. No caso de haver interesse dos possíveis entrevistados/interlocutores em saber mais sobre a pesquisa, meus amigos pediam autorização a esses para passar seus telefones a mim para que pudesse estabelecer um primeiro contato. Estabelecido esse primeiro contato, por telefone, marcávamos um encontro pessoalmente para que pudesse explicar quem eu era e no que consistia tal pesquisa.

O primeiro entrevistado/interlocutor com o qual estabeleci contato foi Rodrigo, através dele consegui acessar outros entrevistados/interlocutores por uma rede de sociabilidade da qual ele fazia parte. Esse *social network* era formado por poucos

ou mesmo criticar minhas próprias categorias de entendimento, minhas noções e pressupostos culturais levados para o campo assim como os próprios conceitos antropológicos que orientaram minhas indagações com o objetivo de iluminar adequadamente o objeto dessa pesquisa recontextualizando-os no seio das práticas e representações do grupo em estudo (Cardoso de Oliveira 1996). Desse modo, questioneie e questioneie o uso *a priori* da categoria “conjugalidade” nessa pesquisa – bem como em outras do mesmo tema.

¹⁰ Interessante notar que vários entrevistados também apontaram conhecer vários casais de lésbicas. Essa recorrência ao “conhecimento” e a lembrança de casais de lésbicas por gays me levou a questionar muitas vezes se há realmente uma diferença entre elas e eles quando em uma situação de conjugalidade, não formulei uma resposta a essa questão, mas gostaria de ressaltar que o “senso-comum,” assim como uma parte da literatura específica sobre o tema aponta para uma maior estabilidade do par de lésbicas em relação ao par de gays, o que conseqüentemente, promoveria uma maior recorrência a elas quando o tema é a conjugalidade. Acredito que uma melhor elaboração dessa questão valha uma pesquisa mais profunda.

homossexuais solteiros com projetos de conjugalidade e alguns homossexuais masculinos casados que se reuniam nos finais de semana para jantares, almoços e festas na casa de uma senhora heterossexual que era considerada e nomeada como a mãe dos participantes dessa rede. Em nosso primeiro contato por telefone eu e Rodrigo marcamos um encontro para conversar pessoalmente no dia seguinte pela manhã depois que eu ligasse para confirmar o local que ele escolheria para o encontro. No outro dia, após minha ligação, marcamos de nos encontrar em uma avenida movimentada próximo de onde eu morava, já que ele estava por perto fazendo compras em um supermercado.

Na hora e local combinados nos encontramos, ele com seu companheiro Lucas haviam acabado de fazer as compras de supermercado e seguiam para seu apartamento. Perguntaram se eu tinha algum compromisso e se poderia ir com eles a seu apartamento, pois poderíamos conversar melhor no caminho até lá uma vez que haviam comprado muitos produtos de geladeira e Cuiabá é uma cidade muito quente, principalmente em agosto. Meio receoso aceitei o convite e entrei no carro no banco traseiro. Imediatamente Rodrigo virou para trás e começamos a *conversar*¹¹ entre olhares de “re-conhecimento,” buscávamos *signos* que mostrassem (ou reafirmassem) quem éramos, de onde vínhamos e o que fazíamos um diante do outro.

Iniciando a *conversa* me apresentei como antropólogo que estava desenvolvendo uma pesquisa em Cuiabá sobre conjugalidade homossexual, imediatamente pediram que eu repetisse do que se tratava a pesquisa, percebi então que conjugalidade poderia não ser um “conceito nativo,” pois estes não se nomeavam como disse anteriormente como cônjuges, parceiros ou namorados, inclusive quando Rodrigo apresentou Lucas para mim o fez nomeando-o como seu *companheiro*. Após algumas questões sobre a pesquisa ambos se dispõem a participar da entrevista, explico, no entanto que só entrevistaria um deles.

No trajeto até a casa deles, Rodrigo e Lucas passaram por vários pontos da cidade. De um certo modo, estavam me acolhendo como um amigo apesar de eu ser um desconhecido. Mostravam-me pontos significativos para a vida deles, a casa na qual Lucas havia nascido, a primeira casa onde Rodrigo havia morado, ambos cresceram em Cuiabá, apesar de Rodrigo ser natural de Rondonópolis. Passamos por praças, parques, escolas e igrejas por alguns minutos circulei pela região conhecida como Porto, uma das regiões mais antigas da cidade. Diziam *sempre brincamos juntos nessa praça, mas não nos*

¹¹ Mais a frente tratarei desse e de outros conceitos tal como elaborado por Trajano (s.d.).

conhecíamos. Ambos comentavam sobre momentos da vida deles marcados nos lugares que passávamos. O interessante desse pequeno *tour* proporcionado por eles para mim é que se referiam sempre a *nós* ao falar desses “lugares marcados” construindo a presença constante de um na vida do outro, apesar de ambos haverem se conhecido muito posteriormente quando já eram adultos.

Chegando ao apartamento deles, entre sacolas de supermercado que ajudei a carregar me convidam para entrar, continuar a *conversa* e marcar a entrevista. Já no apartamento, entre pulos de Rex e Lassie¹² que nomeavam como seus filhos, Rodrigo se prontifica a ser entrevistado de imediato enquanto seu companheiro guardava as compras e fazia o almoço. Nos encaminhamos para o escritório, fechamos a porta, e explico para Rodrigo como transcorreria a entrevista, falo que ela seria gravada e conversamos sobre a necessidade de assinar o “Termo de Consentimento Livre e Informado” – obrigatoriedade¹³ prevista pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Social da UERJ que financiou essa pesquisa. Após a assinatura de tal documento, iniciamos a entrevista.

3. A entrevista...

When anthropologists talk about ritual they are usually thinking, primarily, of behaviors of a non-verbal kind, so it is worth reminding my anthropologist colleagues that (as I use the term) speech itself is a form of ritual; non-verbal ritual is simply a signal system of a different, less specialized, kind. To non-anthropological readers I would simply say that the focus of interest in this paper is the relation between ritual as a communication system and ordinary speech as a communication system.
Leach 1972: 334

Nesse texto, apresento uma leitura de meu encontro¹⁴ com Rodrigo – um outro que não era nada distante – sendo essa leitura também inspirada em um outro encontro;

¹² Não me recordo os nomes verdadeiros desse casal de cães da raça *pintcher*.

¹³ Rodrigo foi um dos poucos que assinou o documento sem grandes questionamentos, uma vez que ele já desenvolvera pesquisas e conhecia a necessidade de tal uso. Outros entrevistados, no entanto questionaram grandemente o uso de tal ferramenta para garantir-lhes a confidencialidade absoluta de sua identidade já que teriam de assinar um documento usando seus nomes completos. No desenrolar dessa pesquisa ocorre inclusive um caso de recusa absoluta em assinar tal documento, apesar de autorização verbal para o uso das informações coletadas durante a entrevista. O uso do “Termo de Consentimento Livre e Informado” em entrevistas mereceria uma longa problematização, no entanto esse não é aqui meu foco de análise.

¹⁴ Na verdade, esse *encontro* também pode ser considerado um *confronto etnográfico* (Dwyer 1982; Crapanzano 1985), isso acarreta que, sendo concebida como **confronto**, a pesquisa de campo resulta de/ou em um diálogo, partilhando das características comuns a todos os encontros: ele é **recursivo** – seu significado em qualquer momento depende daquele que o precedeu; é **contingente** – o confronto pode ser

o de Tuhami e Crapanzano. Tal encontro etnográfico (o meu e de Rodrigo) pode igualmente ser considerado como uma história de vida duplamente editada, tanto durante o encontro em si – quando o sujeito pesquisado responde de modo imediato às expectativas do outro (o antropólogo, no caso eu) – quanto no (re)encontro literário – momento em que o “autor” desaparece da narrativa em busca de uma “objetividade.” Mas, diferentemente dela (história de vida), tento quebrar esse apagamento do autor da narrativa, inscrevendo-me sempre que possível como um sujeito presente no encontro etnográfico apesar das dificuldades epistemológicas e políticas apresentadas por essa presença na análise. Nesse sentido, tal como Crapanzano, eu nomeio o produto desse esforço interpretativo como um “experimento.”

É claro que, diferentemente de Crapanzano em Tuhami, parto de uma “experiência” mais restrita de convivência com meu “outro,” pois se ele teve dezenas de sessões com Tuhami mediadas por Lhacen (seu intérprete) eu me valho de duas experiências de *diálogos* gravados com Rodrigo e algumas *conversas* não gravadas. Assim, essa experiência que venho descrevendo também se distancia da estabelecida por Crapanzano e Tuhami.

Mas, além disso, Crapanzano aponta que a história de vida é produto de um autor que quer ser reconhecido por outro, é sempre evocativa. Desse modo, a avaliação dessa história requer a compreensão da relação entre o autor e esse outro, isto é, o entrevistado/interlocutor para quem ele está se referindo. Crapanzano, assim, se questiona: Para quem Tuhami está se dirigindo ao contar sua história de vida e com que fim? Ele chega à conclusão que Tuhami busca ser reconhecido como excepcional, apesar e talvez por ser considerado um *outsider*, um pária entre as pessoas ao seu redor; mas, afirma que não há como saber quem é esse outro, esse *terceiro* para quem o discurso está metaforicamente endereçado.

Em meu encontro com Rodrigo, tal questão também emergiu e, a partir de nossas *conversas* e *diálogos*, questiono-me para quem se endereçava a construção de sua história de vida: Quem era este *terceiro* que se mantinha invisível, mas tangível? Aqui, problematizo a presença desse “outro” e, analisando suas falas (de Rodrigo) em nossas *conversações* alcanço esse *terceiro* partindo de seus traços, silêncios e sombras. É a partir dessa presença nas *conversações* que o sentido do que está sendo dito entre mim e Rodrigo será garantido. Não necessariamente este *terceiro* é uma pessoa, mas é algo implícito,

interrompido em qualquer momento; é **engajado** – no sentido que é vinculado a forças específicas que transcendem atividades puramente pessoais (Dwyer *apud* Peirano 1992).

Crapanzano (1992) aponta que a função dele pode ser simbolizada pelas noções de lei, convenção, razão, cultura, tradição ou linguagem. É o interlocutor ausente com silêncios forçosamente secundários ou sombrios.

Mas, antes disso acho necessário apresentar melhor meu entrevistado/interlocutor. Rodrigo tem 31 anos, é pós-graduado e professor do ensino médio, seu companheiro tem 37 anos e cursa a universidade. O entrevistado/interlocutor tem um filho de 12 anos oriundo de uma união anterior com uma mulher, mas mesmo antes dessa união Rodrigo já tido experiências homossexuais. Morava no momento da entrevista com seu companheiro há quatro anos e as famílias de ambos sabiam, assim como seus amigos. Seu filho (de Rodrigo) mora com sua ex-mulher em outra cidade, ambos (filho e ex-mulher) sabem e não vêem a homossexualidade como um problema segundo meu entrevistado/interlocutor. Antes da união atual e do casamento, Rodrigo teve outros namoros mais curtos com outros homens que não resultaram em uniões consolidadas.

Voltando a entrevista, ligo o gravador e inicio as perguntas, as primeiras questões são sobre dados pessoais como idade, religião, grau de escolaridade, profissão e emprego, cidade de origem, tanto de Rodrigo quanto de seu companheiro, bem como tempo de duração do relacionamento vivido. Após estas primeiras questões, interrogo Rodrigo sobre os significados da sexualidade e como esses se refletiram na construção de sua vida. Faço também um outro conjunto de questões que dão acesso às representações e significados da conjugalidade. Todas essas questões são respondidas com tranquilidade.

No desenvolvimento da entrevista, há um conjunto de questões “mais íntimas” que envolviam temas como infidelidade, atividade sexual e uso de preservativo (com o companheiro e com outros). Diante dessas perguntas, as reações dos entrevistados/interlocutores vão do embaraço passando pelo silêncio e chegando ao questionamento da pertinência dessas questões. Rodrigo é um dos entrevistados/interlocutores que sempre reage com grande habilidade social a essas questões, desde o início exibe ter fortes qualificações, e inclusive afirma conhecer o processo de entrevista por já ter desenvolvido pesquisas acadêmicas anteriormente.

Diante dessas reações “defensivas” a essas últimas perguntas, questiono-me sobre o *valor*¹⁵ atribuído a tais temas “mais íntimos,” pois se em *diálogos* gravados tais temas

¹⁵ De acordo com Saussure (2004), o valor de um signo nunca é intrínseco, só existindo na relação tendo como referência um sistema. Tal afirmação se constitui como um problema na etnografia, pois não basta

podem ser considerados como tabus, em *conversas* sem uso do gravador o constrangimento, a reação defensiva não se constata. Assim, partindo dos dados etnográficos, assinalo que Rodrigo – bem como todos os outros – assume uma postura diferenciada para responder as perguntas no momento em que o gravador é ligado.¹⁶ Desse modo, problematizo se essa *forma de interação* (a entrevista) se modifica diante de um terceiro elemento (o gravador) que pode ser visto como um *signo* da sociedade e de seu sistema estabelecido de hierarquias.

Assim, mesmo com a certeza da confidencialidade da identidade garantida pelo entrevistador, muitos dos entrevistados/interlocutores¹⁷ assumiam uma postura reticente diante do uso do gravador. Na fala de alguns entrevistados/interlocutores, há uma manipulação contraditória de informações antes, durante e depois da entrevista. Poucos – dos 10 entrevistados/interlocutores apenas três – citam no momento da entrevista a existência de relacionamentos extraconjugais, mas a maioria deles, após o desligamento do gravador, no final da entrevista, afirmam terem tido “um ou outro” relacionamento extraconjugal.

Além disso, como tive acesso a esses entrevistados/interlocutores através de *social networks*, que envolviam indivíduos que viviam situações de conjugalidade ou outros que buscavam igualmente uma relação de conjugalidade, tive acesso a diversos *boatos*¹⁸ que circulavam sobre relações extraconjugais desses entrevistados/interlocutores. Após o desligamento do gravador muitas vezes um entrevistado/interlocutor comentava sobre as *fofocas* existentes de relações extraconjugais de outros entrevistados/interlocutores. Para além da discussão sobre a veracidade ou não dos *boatos*, aponto aqui para o modo pelo qual a introdução e o uso do gravador provoca uma inibição ou silenciamento de informações durante o *diálogo* gravado.

apenas “traduzir” o signo, mas é essencial “traduzir” também o valor desse signo no sistema de significados do nativo, esse é o esforço que venho elaborando nesse artigo.

¹⁶ A busca por uma hiper-correção por parte de entrevistados na situação de entrevista já foi apontada por muitos pesquisadores, entre os meus entrevistados ela está presente ora nas demonstrações de habilidade social de Rodrigo e Marcelo; ora nas tentativas de utilização da gramática normativa por parte de Paulo, Rafael, Murilo e Daniel.

¹⁷ Não citarei aqui nomes dos entrevistados, pois os dados utilizados aqui podem identificar informações sobre fidelidade ou infidelidade dos entrevistados para seus companheiros.

¹⁸ Segundo Trajano-Filho (2000), boatos, mexericos, fofocas ou rumores são fenômenos fugidios que resistem ao olhar analítico do pesquisador. O importante não é se são verdadeiros ou falsos, e sim que eles são transmitidos por meio de interações face-a-face, o que os torna diferentes de outros meios de comunicação em que a mensagem é transmitida a partir de uma fonte única e conhecida, atingindo simultaneamente a todos que a eles têm acesso. O rumor ganha energia através de uma série de diálogos nos quais os atores sociais criam e recriam o sentido das mensagens que veiculam.

Assim, aqui é necessário que eu esclareça a diferenciação entre *conversa* e *diálogo* tal como venho utilizando até então. Como diz Trajano (s.d.), *Os nomes pouco importam. As pessoas estabelecem relações dos mais diversos modos* (Trajano s.d.: 4). Mas essa diferenciação se torna importante para que eu possa *explicar a variedade e o alcance das relações que estabeleci* (idem: 5) com os entrevistados/interlocutores e como essas implicam maneiras diferentes de alcance dos significados impressos pelos nativos nessas relações.

Nesse sentido, parto da diferenciação da *conversa* estabelecida por Trajano em três tipos: o *diálogo*, a *conversa* e a *prosa*. O *diálogo* é um encontro que se caracteriza por enfatizar a informação, nele os participantes se concentram na mensagem, na palavra falada, os outros meios expressivos (gestos, expressões faciais, distância física entre os participantes) se calam ou reduplicam a palavra falada. *A mensagem, no diálogo, flui em uma via única – de quem responde para quem pergunta* (idem: 5). A posição dos participantes é demarcada de maneira mais rígida. Assim, utilizo *diálogo* para fazer referência à situação de entrevista, nela há sempre dois papéis o do entrevistador e o do entrevistado, o primeiro tem como “tarefa” manter a *conversa* através de um comportamento fático – *parecendo concordar, entender, dizendo sim e, às vezes, fazendo uma pergunta, não sobre um ponto que não ficou claro, mas apenas para averiguar a medida da recepção da mensagem* (idem: 5). E, o segundo, o entrevistado/interlocutor, esse tem o privilégio da mensagem.

Diferentemente do *diálogo*, na *conversa* a mensagem flui em duas vias e, é uma conversação na qual a fala é dita por muitos meios expressivos, gestos, olhares, silêncios, mudanças na altura e no tom de voz. *É um encontro em que os participantes têm uma consciência bem mais ampla e precisa uns dos outros. Aqui não se vê apenas o dedo, a mão e o braço. Tem que se ver todo o outro – o seu corpo, o seu olho, a sua boca [...]* (idem: 11). Nela há uma troca de idéias, não há uma distinção de posição entre os participantes da conversação. Assim, neste artigo utilizo *conversa* para me referir às muitas interações nas quais a troca de idéias não fluía em via única, onde não havia descontinuidade de tópicos, mas deslizamento de assuntos, ênfase no contexto. *Concluindo, a conversa é uma troca de idéias, implicando que informações circulam entre seus participantes – mensagens faladas, olhares provocadores, sorrisos intrigantes, gestos agressivos, silêncios-respostas...* (idem: 12).

Já na *prosa* a percepção do contexto, do interlocutor e da mensagem é maximizada. A finalidade-fim da *prosa* é manter o encontro. *Na prosa tem de tudo; tem conversa, tem mensagem, tem informação, tem escolha. Tem de tudo e tudo enfatizado ao máximo; tudo falando por todos os meios possíveis. Mas nela não há tatear porque o terreno tem que ser bem*

conhecido e muito familiar (idem: 14). Assim, a *prosa* envolve um tipo particular de *conversa* que funciona como uma ponte que vence os silêncios, as culpas, as vergonhas e embaraços.

Nessa pesquisa *dialoguei* bastante com meus entrevistados/interlocutores, *conversei* sempre que foi possível com entrevistados/interlocutores, mas tive uma dificuldade muito grande em *prosear*. As barreiras que separavam um estrangeiro, no caso eu (o antropólogo), se mantiveram. As vergonhas, culpas e embaraços para falar de temas como (in)fidelidade, e atividade sexual se mantiveram levantadas. Como *prosear* com estranhos munidos de gravadores sobre tais temas? Como não se esquivar ante a presença de um *terceiro* tão poderoso como as hierarquias sociais, os valores estabelecidos, a sociedade?

Com Rodrigo – muito mais um interlocutor do que um entrevistado – os *diálogos* gravados aconteceram em dois momentos diferentes distanciados entre eles por um período de três meses; as *conversas* foram comuns e aconteceram em diversos momentos, seja pessoalmente – tanto individualmente, quanto em grupo, em festas ou com seu companheiro – por telefone ou pela internet; já as *prosas*, apesar de menos constantes, aconteciam sempre que fosse possível quebrar as barreiras já impostas, mas nesse artigo como já visto me atendo a *diálogos* e *conversas*, a *prosa* aqui fica impressa no ar, marcada nos traços do texto como um anseio por alcançar a compreensão de Rodrigo e de seu mundo, uma busca por sua interpretação.

Uma travessia pelos recantos da memória, buscando reconstruir e ordenar o primeiro momento [a compreensão] ... Portanto, a interpretação só é obtida de maneira mais plena ao fazer uma travessia pela memória, reconstruindo as mais diversas conversações havidas ... para além da interpretação; meu negócio está marcado por uma procura constante e sempre frustrada da comunhão com o outro. Essa constante sensação de frustração, essa sempre renovada ameaça de fracasso produz uma espécie de medo bem conhecido a todos os que se aventuram em busca de entendimento dos mundos que não lhes são escancaradamente seus. Para mim, é um medo que chega à consciência como uma sensação de congelamento no abdômen. Disto ninguém esquece. É só pensar no trabalho de campo já realizado que logo-logo começam a surgir na memória pequenas agulhas de gelo, e são elas as construtoras dos pilares possibilitadores da travessia necessária a interpretação. Portanto, meu negócio é conversar, comungar, aprender, compreender e depois, interpretar.

Trajano s.d.: 15

4. Caracterização do *Self*...

Eu não sou eu nem o Outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.
Mário de Sá Carneiro

Nesse momento do texto, continuo minha interpretação/compreensão de minhas *conversações* com Rodrigo enfocando um conjunto de perguntas desenvolvidas *dialógicamente* que abordam como meus entrevistados/interlocutores se relacionam com o mundo ao seu redor, questiono Rodrigo sobre seus locais de frequência para diversão (tanto noturnos quanto diurnos); sua frequência a locais (re)conhecidos como pertencentes a vida gay; sua vivência de situações de preconceito e discriminação e, finalmente; o conhecimento (ou não) de sua homossexualidade e de seu relacionamento por parte de outras pessoas, fossem elas familiares, amigos, vizinhos ou colegas de trabalho.

No decorrer de nossas *conversações*, Rodrigo afirma que praticamente todas as pessoas do seu convívio e de seu *companheiro* sabem de seu relacionamento e de sua homossexualidade. Tal conhecimento por parte de outras pessoas se dá, pois – apesar de ter tido relacionamentos com algumas mulheres, inclusive com a geração de um filho – quando de seu *casamento* com seu *companheiro* o apresentou para toda sua família, assim como também foi apresentado para toda a família dele. No entanto, até tal momento somente algumas pessoas sabiam. Essa manipulação do *segredo* (Simmel 1999) é muito discutida em minhas *conversações* com esses entrevistados/interlocutores.

Esse processo de escolha dos possíveis portadores do *segredo* traz a tona à existência no imaginário social de uma infinidade de representações de caráter negativo sobre as homossexualidades, bem como a existência do preconceito e da discriminação. Esses elementos acabam provocando muitas vezes o silenciamento da própria união homossexual, pois se “se assumir” como homossexual é o ponto inicial do processo de desconstrução das imagens negativas associadas à homossexualidade, assumir a conjugalidade passaria por um processo de desconstrução de estereótipos e representações negativas que abarcariam agora dois indivíduos. Assim, a revelação do *segredo* de uma união homossexual passaria por um processo de diálogo/negociação de visibilidades e de aceitação das respectivas homossexualidades, tornando mais complexa a possibilidade dessa visibilização.

À exceção de Murilo, todos os outros entrevistados/interlocutores apontaram que nunca sofreram preconceito/discriminação – seja como casal, seja individualmente. Marcelo aponta que nunca sofreu preconceito, pois como ele *respeita* as pessoas recebe igualmente *tratamento respeitoso*, mais do que isso ele aponta que sempre teve uma *imagem de respeito* para as pessoas. Perguntado sobre o que seria essa *imagem de respeito* Marcelo apontou principalmente a não freqüência ao que ele definiu como sendo o *meio gay, um meio onde as pessoas fazem, falam e de alguma forma todo mundo fica sabendo*.

Desse modo, me questionei, o que as pessoas fariam nesse espaço que implicaria a perda de *respeito*? Do que fariam? O que todos ficariam sabendo? No desenvolvimento da pesquisa a maioria de meus entrevistados/interlocutores afirmou não freqüentar esse *meio gay* e, os que o fazem afirmaram a existência de uma baixa freqüência a boates e uma maior possibilidade de presença em bares, já que a boate é vista como *local de pegação* e, por estarem vivendo uma situação de “conjugalidade” não achavam o ambiente condizente, em outros termos pareciam querer evitar que lhes fosse colada à imagem negativa e estereotipada do *homossexual promíscuo*, nas palavras de Marcelo isso fica bem claro,

A infidelidade é muito constante e presente num relacionamento, principalmente pra gente que vive em um meio aonde tem pessoas que não tem princípios, os princípios delas muitas vezes não são os seus. Um ambiente que não é adequado para um casal, então existem algumas coisas que acabam atrapalhando, que não trariam nada de positivo pra relação.

Igualmente, Rodrigo afirma que o ambiente de *baladas GLS* – aqui ele faz referência a boates gays – não é o ideal para ele, nem para o companheiro dele uma vez que a grande maioria das pessoas que a freqüentam vão apenas em busca de sexo. Já os bares têm a característica de manter uma certa *respeitabilidade pública* – independente da freqüência a esses serem de homossexuais ou heterossexuais. Desse modo, depreendo que a categoria *imagem de respeito* está ligada diretamente às idéias de fidelidade e não promiscuidade. Uma imagem que deveria ser construída e mantida sob pena de se perder o *respeito*, mesmo diante dos rumores e boatos, uma vez que Cuiabá¹⁹ poderia ser enquadrada como uma cidade média onde a possibilidade de estabelecimento de um *anonimato relativo* (Velho 1999) seria dificultada pela existência de um *mundo gay* muito

¹⁹ Cuiabá somada a Várzea Grande (cidade vizinha) comporia a chamada Grande Cuiabá, conurbação que teria uma população de mais de 765 mil habitantes, com Cuiabá respondendo por 525 mil e Várzea Grande por 240 mil habitantes.

mais circunscrito e restrito se comparado a grandes metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro.²⁰

De acordo com Simmel (1987), na grande metrópole da modernidade há uma aceleração do tempo da vida e uma multiplicação dos contatos superficiais entre estranhos. Para se adaptar ao constante excesso de estímulos visuais e auditivos e se acomodar à intensificação de sua vida nervosa, o homem da grande cidade acaba não agindo de maneira emocional e direta como age o homem da pequena cidade, mas de maneira impessoal, intelectual e indireta. Cuiabá ficaria no meio termo entre a impessoalidade da metrópole e a pessoalidade da pequena cidade, e os *boatos* ou *rumores* assumiriam importância como fenômeno ordenador de práticas *desrespeitosas* e, conseqüentemente, elementos de inculcação e transmissão dos valores fundamentais do que é a conjugalidade.

Esses *boatos*²¹ sempre se centrariam – como foi apontado anteriormente – na circulação de informações sobre relações extraconjugais, infidelidades no âmbito da união homossexual. São desses fatos que o *meio gay* falaria. Desses fatos é que todos acabariam sabendo. Assim, para se obter o *respeito* (possível de ser obtido, já que falo aqui de homossexuais que carregam um forte grau de desvalorização na hierarquia de identidades sociais estabelecida socialmente) na sociedade é necessário se abster de freqüentar o *mundo gay* e criar um ambiente propício fora do âmbito doméstico (mesmo que ligado a ele visceralmente) para a troca de informações e estabelecimento de relações com o fim de vivência da conjugalidade. Esse ambiente é propiciado pela criação de redes de sociabilidades específicas ou *social networks* – como apontado anteriormente. Todos meus entrevistados/interlocutores faziam parte de uma dessas redes, no processo de pesquisa tive acesso a duas delas, que se reuniam com uma certa freqüência nos finais de semana.

²⁰ Embora cidades como Rio de Janeiro e São Paulo tenham se tornado os centros mais importantes de difusão da vida gay no Brasil no século XX, como afirma James Green (2000), é necessário apontar a formação de “subculturas gays” cada vez mais visíveis em diversas cidades do país, entre essas se destacam: Fortaleza, Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília, Curitiba e Recife (Parker 2002).

²¹ Além disso, Simmel (1999) aponta que “num círculo pequeno e estreito, a formação e a preservação dos segredos se mostra difícil inclusive em bases técnicas: todos estão muito próximos de todos e suas circunstâncias, de modo que a freqüência e a proximidade dos contatos implicam em maiores tentações e possibilidades de revelação. Além disso, o segredo nem é tão necessário, pois esse tipo de formação social costuma nivelar seus membros e as peculiaridades da existência, das atividades e das coisas que se possui e cuja conservação tornaria necessária a forma do segredo, militam contra essa mesma forma social.” (: 3) Esse é o caso desses *social networks*, local propício para o surgimento e circulação de *boatos* e *rumores* sobre o *segredo* dos participantes.

Desse modo, se constrói dois tipos de homossexuais, os que vivem no *mundo gay* e que são encarados com desconfiança e um certo preconceito por colocarem em risco os “outros.” Estes “outros” viveriam em redes de sociabilidades específicas e buscariam o *respeito* como um marco para se alcançar o reconhecimento social de sua “conjugalidade.” São a partir dessas tipificações e caracterizações do *self* de um “outro” abstrato que meus entrevistados/interlocutores irão construir seus *selves* pela oposição, pelo contraste.

As *conversações* entre mim e Rodrigo – e também com outros entrevistados/interlocutores – quando o tema abordado é a construção da “conjugalidade” sempre estabelecem uma relação entre essa união e a conquista de *respeitabilidade pública*. Tal construção é desenvolvida pela caracterização de seu *self* (de Rodrigo) de maneira contrastiva a “outros” que pela frequência constante a *lugares de pegação*, e por comportamentos tomados como *desrespeitosos* pelas exposições públicas de seus afetos (desses outros) fundamentam a exclusão, o preconceito e a discriminação de “todos” os homossexuais. É a partir dessa caracterização do *self* desses outros que o *self* de Rodrigo – e de outros entrevistados/interlocutores – se constrói.

Enfim, em nossas *conversações* (minhas e de Rodrigo) sempre pairava um *terceiro* invisível, como dito anteriormente por Crapanzano, essa sombra pode ser considerada uma lei, uma regra, uma convenção, a própria linguagem poderia ocupar esse papel e o faz também, se tornando em nossas falas um mediador. É em *conversações* com o “outro,” intermediadas pela linguagem, que o ego toma consciência de si e se constitui. Esse movimento dialético – eu e outro – forma um fluxo instável e contínuo de mútuas caracterizações que, em alguns momentos, se “congelam” e fornecem a impressão ilusória de uma estabilidade na qual o “verdadeiro” *self* emerge em tipos ou categorias. “Tais tipificações, pensadas como diagnósticos da realidade objetiva, mascaram o instável processo de contínua criação do *self*, apresentando-o como uma entidade objetiva que atravessa o tempo e o espaço, passível de uma descrição empiricamente verificável.” (Santos 2001: 1)

5. Considerações finais

Infelizmente – devido à extensão do artigo – não tive como abordar toda a narrativa de Rodrigo, nem todas as questões desenvolvidas no decorrer das conversações que foram estabelecidas com esse interlocutor/entrevistado. Além disso, busquei aqui desenvolver algumas questões que sempre me incomodaram e que, até então, nunca havia dado nenhum tratamento mais extenso, tais como: a presença do gravador no contexto da entrevista, a maneira como se estabelece e se dá a relação entre pesquisador e nativo no momento da pesquisa, e a presença de um (ou vários) *terceiro* nas *conversações*.

Tais fenômenos só se tornaram passíveis de serem analisados, pois tomei a situação de entrevista como um *evento* comunicativo, no qual tanto o pesquisador quanto o nativo *dialogam, conversam e proseiam* tendo a linguagem (convenção e *terceiro*) como um mediador privilegiado. Nessas conversações há a caracterização do *self* do entrevistado/interlocutor sempre fazendo referência a categorias como *respeito* e *respeitabilidade pública*. Essas categorias assumem importância visto que o gravador pode ser tomado como um *signo* da sociedade e, por isso pode fornecer dados para reforçar (ou mesmo, “provar”) as fofocas e boatos que circulam nos *social networks* sobre infidelidade que poderiam “fragilizar” a *imagem pública* do casal homossexual.

Essa caracterização do *self* com base em uma busca por uma *respeitabilidade pública* aparece também quando esses entrevistados se colocam como diferentes dos “outros” homossexuais. Esses “outros” seriam os que vivem no *mundo gay* e carregam o estereótipo de homossexual *promíscuo* e *sem princípios*. Assim, há uma busca por diferenciação por parte dos entrevistados através de uma não frequência a esse *mundo gay* e pela construção de uma *imagem de respeito*, sempre centrada na forma de um casal. Mas, essa oposição não é tão forte e uniforme assim visto que alguns desses casais vão com pouca frequência a boates, cinemas e parques conhecidos como pertencentes ao *mundo gay*, inclusive alguns vão/foram as Paradas do Orgulho Gay que ocorrem na cidade anualmente desde 2003.²²

Finalizando, há ainda a destacar que a análise da entrevista como um *evento*, acaba por lançar luz na relação pesquisador-nativo evidenciando que o processo de

²² A primeira foi realizada em 26 de junho de 2003 com a participação de cerca de duas mil pessoas. Em sua segunda edição, no dia 19 de junho de 2004, reuniu cerca de 10 mil pessoas, segundo dados da organização. Já a terceira edição ocorreu no dia 29 de julho de 2005, reuniu cerca de 18 mil segundo organizadores do evento.

caracterização do *self* no momento da entrevista não é neutro, nem auto-evidente e sim eivado de política. Nesse caso estudado a construção do *self* do nativo é feita através da evocação de valores morais e da reconversão do preconceito para outros grupos. Essa reconversão e essa evocação têm, como elemento essencial, a manipulação das categorias *respeito* e *respeitabilidade pública*. Nesse texto, me fixei nesses usos com o intuito de mostrar que estes não são feitos de maneira ingênua, faço isso a partir de uma situação concreta de pesquisa, uma entrevista tendo como tema a conjugalidade homossexual, fato que vêm ganhando a cena nas discussões sobre as “diferentes” e “novas” configurações familiares na atualidade.

Moisés Lopes

Doutor em Antropologia, Universidade de Brasília

Email: sepolm@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa, partindo de uma série de entrevistas realizadas em Cuiabá com homossexuais masculinos que vivem uma união conjugal, a maneira pela qual se estabelece e se dá a relação entre pesquisador e nativo no momento da pesquisa, mais especificamente no momento da entrevista. Tal relação é mediada o tempo todo através da construção da categoria “respeito” que é usada como recurso para o estabelecimento da “imagem pública” do casal homossexual. Na análise, essa “respeitabilidade pública” é construída tendo como recurso o exame da relação diádica estabelecida no momento da entrevista entre nativo-pesquisador, da oposição construída por esses “casais” em relação a outros grupos de homossexuais e, também, através da manipulação do “segredo” acerca de sua “união.”

Palavras-chave: Entrevista; conversação; união homossexual.

“Me, you and they or the difficult art of dancing in three”:
Conversation and characterization of the self in an interview.

Abstract: Based on a series of interviews performed with couples of male homosexuals from Cuiabá, this paper analyzes how, in the moment of the research, more specifically, during the interview, the relationship between researcher and native is established and develops itself. Such a relationship is mediated, throughout the interview, by the construction of the category “respect” which is used as a resource to the establishment of the “public image” of the gay couple. In the analysis, this “public respectability” is built by the examination of the dyadic relation established during the interview, as well as, the opposition built by the “couples” towards other gay groups and, also, by means of the manipulation of the “secret” about the “union.”

Keywords: Interview; conversation; homosexual union.

Referências bibliográficas

- BARTH, F. *Los grupos étnicos y sus fronteras*. México, Fondo de Cultura Económico, 1976.
- BORGES, A. M. *Tempo de Brasília: etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. “O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever.” *Revista de Antropologia*, 1996, 39(1), 13-37.
- _____. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

- CRAPANZANO, Vincent. *Tuhami: Portrait of a Moroccan*. University of Chicago Press, Chicago, 1985.
- _____. On the self characterization. In: *Hermes' Dilemma & Hamlet's Desire. On the epistemology of interpretation*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1992, pp. 91-112.
- DWYER, Kevi. "The dialogic of ethnology." *Dialectical antropology*, 1985, v.04, p.105-124.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. SP, Editora UNESP, 2000.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- LEACH, Edmund. Ritualization in Man. In: William Lessa & Evon Vogt (orgs.). *Reader in Comparative Religion*. New York, Harper & Row, 1972.
- MALINOWSKI, B. O problema do significado em linguagens primitivas. In: OGDEN, C. K. e RICHARDS, J. A. *O significado do significado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, s.d.
- PARKER, R. *Abaixo do Equador*. São Paulo: Record, 2002.
- PEIRANO, Mariza G.S. *Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas*. EdUnB, Brasília, 1992.
- _____. (org. e intro.). "Análises de Rituais." Brasília, *Série Antropologia* n.º 283, 2000.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- SANTOS, Ana Flávia Moreira. Pierce e o Beijo no Asfalto. In: PEIRANO, Mariza. *O dito e o feito*. Rio de Janeiro: Relume-Dimará, 2002, pp. 43-57.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. SP, Cultrix, 2004.
- SILVA, Cristian T. *Borges, Belino e Bento: A fala ritual entre os Tapuios de Goiás*. São Paulo: Annablume, 2002.
- SIMMEL, Georg. *Georg Simmel: Sociologia*. Evaristo de Moraes Filho (org.). São Paulo: Ática, 1983.
- _____. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O Fenômeno Urbano*. RJ, Guanabara, 1987, pp. 11-25.
- _____. "O Segredo." *Política e Trabalho*. João Pessoa, PB, nº 15, Set. 1999 In: http://www.cchla.ufpb.br/politicaetrabalho/arquivos/artigo_ed_15/15-simmel.html
- TAMBIAH, Stanley. A performative approach to ritual. In: *Culture, Thought and Social Action*. Harvard Univ. Press, 1985, p. 123-166.
- TRAJANO FILHO, Wilson. "Outros rumores de identidade na Guiné-Bissau." Brasília, *Série Antropologia* n.º 279, 2000.
- _____. A nação na web: rumores de identidade na Guiné-Bissau. In: PEIRANO, Mariza. *O dito e o feito*. RJ, Relume-Dumará, 2002, pp. 85-112.
- _____. *O sentido dos Sons: Uma etnografia dos atos de música*. S.d.

Recebido em 10/10/2010

Aceito para publicação em 30/12/2010